

# NOTAS ECONÓMICAS

3

**ROBERT BOYER** LES CAPITALISMES VERS LE XXI<sup>ème</sup> SIÈCLE (I)

**PAULINO TEIXEIRA** TAX DISTORTIONS AND THE INTER-INDUSTRY WAGE STRUCTURE

**ADELINO FORTUNATO** ESTRUTURAS DE MERCADO, INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E PODER DE MONOPÓLIO

**MARGARIDA ANTUNES** A COORDENAÇÃO INTERNACIONAL DE POLÍTICAS MACROECONÓMICAS

**MARIA DE FÁTIMA PINHO/JOSÉ COSTA** AS FUNÇÕES PREÇO-HEDÓNICAS NO MERCADO DE HABITAÇÃO

**JOÃO ARRISCADO NUNES** A POÉTICA E A POLÍTICA DA CIÊNCIA ECONÓMICA

REVISTA DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maurizio Mistri (1993)

***Distretti Industriali e Mercato Unico Europeo***, Milão, Franco Angeli, 152 [8] p.

Esta obra de Maurizio Mistri, recentemente publicada, vem integrar-se na investigação e na reflexão que alguns economistas, nomeadamente italianos, vêm produzindo sobre as causas do êxito das pequenas empresas ou, melhor, das “redes” de pequenas empresas. Este sucesso, claramente detectável em certas áreas bem determinadas geográfica e culturalmente, tem sugerido algumas vias de explicação, entre as quais emerge a que se funda no conceito de *Distrito Industrial*, originariamente sugerida por Alfred Marshall. Mistri, actualmente a exercer funções docentes na Universidade de Pádua na área da Economia Internacional, parte neste seu livro de uma ligação entre este já vasto corpo de reflexões e a abordagem que, recentemente, o americano Michael Porter desenvolveu no seu livro *The Competitive Advantage of Nations*, de 1990. O tema examinado por Mistri é o de esclarecer quais as consequências que os dinamismos económicos gerados pelo Mercado Único Europeu poderão ter sobre o tecido industrial do seu país, sobretudo no que respeita a estas formas particulares de organização territorial da produção conhecidas por *Distritos Industriais*, indubitavelmente ligadas ao progresso económico e ao sucesso exportador da Itália nas últimas duas décadas. Em boa medida, o debate sobre os *Distritos* tem girado à volta das sucessivas e, por vezes, complementares tentativas de descrição *raisonnée* destes sistemas de pequenas empresas: como se organizam funcionalmente, como ultrapassam a impossibilidade de explorar as economias de escala internas às empresas, como reduzem os custos de transacção, entre outros temas. Ora, a análise de Mistri vem juntar a este debate um conjunto novo de questões, propondo, ao mesmo tempo, uma linguagem e um corpo conceptual de referência diferente do habitual, como logo nos é sugerido pelo subtítulo da obra (*do paradigma da localização ao paradigma da informação*).

A obra explana-se por cinco capítulos, antecedidos por uma apresentação de

Giacomo Becattini, de leitura obrigatória. Depois de, no primeiro (*O Cenário de Referência*), enunciar os propósitos do seu trabalho, o autor deixa-nos com algumas das suas reflexões sobre o fenómeno dos Distritos Industriais, feitas a partir da literatura e do debate actual sobre o assunto (*Reflexões sobre os Distritos Industriais*). A partir do terceiro capítulo (*Estrutura do Comércio Externo e Distritos Industriais*), o autor expõe o seu ponto de vista sobre as relações económicas e o comércio internacionais: sem renegar a sua filiação “ricardiana” e “neoclássica”, vai adoptar, no essencial, a análise e o quadro conceptual de Porter. Assim, vão aparecer como relevantes para a competitividade das empresas não só os factores nacionais como também os factores locais pois, como diz Mistri “o *habitat* mais específico das empresas continua a ser a área restrita na qual podem exercitar-se proficuamente as inter-relações horizontais e verticais típicas de um *cluster*” (p. 54). No capítulo quarto (*Internacionalização da Pequena e Média Empresa e Papel dos Distritos*), começam a desenhar-se as respostas para o problema que o livro põe: o futuro da permanência das pequenas empresas industriais nos mercados internacionais vai jogar-se no campo dos processos de internacionalização mercantil e evoluída, que transcendem a simples exportação, e, portanto, trata-se de saber até que ponto poderão os *Distritos Industriais* dar respostas adequadas a estas novas formas de inserção nos mercados. É no quinto e último capítulo (*Distritos Produtivos e Estruturas Informativas*), no entanto, que essas respostas vão tornar-se mais claras, ainda que as interrogações permaneçam pois, como afirma Mistri, “não há respostas unívocas” (p. 132). Um conjunto de factores (como as novas tecnologias que favorecem a circulação da informação ou o *up-grade* da cultura empresarial) sugere uma diminuição de importância das economias aglomerativas, a *des-loca-lização* espacial dos Distritos e a criação de relações funcionais mais importantes no interior das fileiras de produção. Nas palavras, livremente traduzidas, do próprio Mistri, fica por saber “se uma evolução deste tipo implica uma superação do conceito de distrito industrial





marshalliano, centrado no papel hegemónico dos factores locativos, ou se, ao contrário, a localização dos centros de decisão [as "bases domésticas" de Porter] na sede originária do distrito lhe salva, apesar de tudo, a natureza" (p. 128).

Uma reflexão acerca desta obra se impõe ainda: serão os problemas aqui tratados de menor importância para uma realidade empresarial diferente da italiana como é a portuguesa? Também aqui as respostas não são absolutamente claras. Por um lado, temos que a realidade das empresas nacionais se caracteriza, tal como a da Itália e de muitos outros países, por um elevado peso das pequenas e médias empresas no emprego e no produto do sector industrial. Por outro lado, não é certo que sejam particularmente relevantes, em Portugal, os fenómenos da organização destas empresas em "distritos industriais", o que pressupõe algumas características, como um certo grau de partição dos processos produtivos entre as empresas do distrito, ou um determinado nível de conjugação entre fenómenos de cooperação (ou interacção estratégica) e de concorrência entre estas. O que poderá afirmar-se é que o tema dos *Distritos Industriais* italianos merece, pelo menos, uma reflexão por parte dos economistas e dos decisores económicos portugueses, num tempo de incertezas quanto à evolução das pequenas empresas e de turbulência nos mercados. Infelizmente, a investigação não produziu resultados concludentes quanto à possibilidade e às condições de replicabilidade destes fenómenos e ao papel que o Estado pode desempenhar na criação de condições para o nascimento e o desenvolvimento de *Distritos Industriais*. É curioso verificar que é exactamente este o tema com que Mistri conclui a sua obra.

João Paulo Barbosa de Melo